

Literatura, História e Cultura em Recordações do Escrivão Isaías Caminha e El Juguete Rabioso.

Maria Salete Magnoni¹

O objetivo deste trabalho é mostrar a relação existente entre Literatura, História e Cultura nos romances **Recordações do Escrivão Isaías Caminha** do romancista brasileiro Afonso Henriques de Lima Barreto e **El Juguete Rabioso**² do escritor argentino Roberto Arlt. Inserido no campo dos estudos em Literatura Comparada, o trabalho surgiu em função de diálogos possíveis entre esses dois escritores e suas obras. Resguardadas as diferenças culturais e temporais que os envolveram, o fato é que são dois autores polêmicos, difícil lê-los com indiferença.

Faço uma breve apresentação dos autores e dos romances, para depois adentrar propriamente na análise textual. Lima Barreto, nascido em 1881 e morto em 1922, vivenciou momentos importantes da História do Brasil, tais como a abolição da escravidão, a proclamação da República e sua consolidação sob a hegemonia dos cafeicultores paulistas. Observador atento e “*escritor eminentemente memorialista, (...) ele anotou, registrou, fixou, comentou e criticou todos os grandes acontecimentos da vida republicana*”³ e também todos os grandes acontecimentos mundiais seus contemporâneos.

Escritor e não produtor de literatices, literatura para desvendar o mundo, sincera e comprometida com seu tempo: “*nele, a primeira impressão é uma espécie de desencanto preliminar: o narrador que nos fala não quer falar como literato, e a linguagem, propositadamente desleixada, sugere apenas o registro atento das pequenas vicissitudes do cotidiano. Suas personagens, coladas à cena imediata e à fala ocasional, parecem a todo instante invadir cenários improvisados de episódios que explodem a um passo da experiência do leitor.*”⁴

Dono de uma vida curta e turbulenta, marcada pelo signo da exclusão, negro, pobre, duas vezes internado no hospício, porém culto e que ousou dizer “*eu quero ser escritor, porque quero e estou disposto tomar na vida o lugar que colimei. Queimei meus navios, deixei tudo por estas coisas de letras*”⁵ e ainda: “*Parece-me que o nosso dever de*

*escritores sinceros e honestos é deixar de lado todas as velhas regras, toda a disciplina exterior dos gêneros e aproveitar de cada um deles o que puder e procurar, conforme a inspiração própria, para tentar reformar certas usanças, sugerir dúvidas, levantar julgamentos adormecidos, difundir as nossas grandes e altas emoções em face do mundo e do sofrimento dos homens, para soldar, ligar a humanidade em uma maior, em que caibam todas, pela revelação das almas individuais e do que elas têm de comum e dependente entre si”*⁶. Legou-nos uma obra considerável e diversa que compreende narrativa ficcional, contos, crônicas, artigos, peças de teatro, diário íntimo e ainda correspondências.

Não menos curta e tumultuada foi a vida de Roberto Arlt, nasceu em Buenos Aires no ano de 1900 e morreu na mesma cidade em 1942, filho de imigrantes, pai alemão e mãe austríaca, diferentemente de Lima Barreto que apesar de pobre chegou a cursar engenharia, foi à escola até o terceiro ano primário, a partir daí se tornou autodidata e freqüentador de bibliotecas públicas, onde lia folhetins, Cervantes, Baudelaire, Dostoiévski. O desejo de escrever se manifestou muito cedo, aos oito anos de idade vendeu por cinco pesos seu primeiro conto a um senhor morador do bairro de Flores onde vivia. Por ter uma relação complicada com o pai, saiu de casa aos dezesseis anos e para ganhar a sobrevivência trabalhou como balconista de livraria, pintor, mecânico portuário ao mesmo tempo em que colaborava com jornais de bairro. A fórmula encontrada para garantir o sustento fazendo o que mais gostava, foi dedicar-se ao jornalismo profissional, iniciou como repórter policial no jornal **Crítica**. A partir de 1928 até sua morte, passou a escrever no jornal **El Mundo**, no qual assinava uma coluna diária que se tornou muito conhecida, as **Aguafuertes Portenãs**, em que abordava temas culturais, políticos e o cotidiano portenho sempre com muita ironia e acidez.

Introdutor na literatura argentina da fala do povo, da linguagem coloquial e das gírias extraídas “ *de las entrañas mismas de la urbe porteña, esa ciudad que Arlt caminó y recaminó, cruzó lentamente com sus gastados zapatos de andariego*”⁷, deixou uma produção que inclui quatro romances, peças de teatro, dois livros de contos e inúmeras crônicas as tão famosas **Aguafuertes Porteñas**. Também Arlt propugnava pela sinceridade como norma de vida e escrita. A um leitor que lhe perguntou como se devia viver para ser feliz respondeu: “ *creo que hay una forma de vivir en relación com los semejantes y consigo mismo, que si no concede la felicidad le proporciona al individuo que la practica una especie de poder mágico de dominio sobre sus semejantes: la sinceridad...Um hombre sincero es tan fuerte, que solo él puede reírse y apiadarse de todo*”⁸.

Às críticas recebidas pela forma como escrevia, respondia de maneira incisiva, como podemos ler no prólogo ao romance **Os Lanças-Chamas** cuja primeira parte se chama **Os Sete Loucos**:

“Estou contente de ter tido vontade de trabalhar, em condições bastante desfavoráveis, para dar fim a uma obra que exigia solidão e recolhimento(...).

Digo isso para estimular os principiantes na vocação, a quem sempre interessa o procedimento técnico do romancista. Quando se tem algo a dizer, escreve-se em qualquer lugar. Sobre uma bobina de papel ou um quarto infernal (...).

Orgulhosamente afirmo que escrever, para mim, constitui um luxo. Não disponho, como outros escritores de rendas, tempo ou sedativos empregos públicos. Ganhar a vida escrevendo é penoso e duro (...). Passando a outra coisa: dizem que escrevo mal. É possível. De qualquer maneira, não teria dificuldade em citar numerosas pessoas que escrevem bem e que são lidas unicamente pelos corretos membros de suas famílias(...).

A beleza me atrai ardentemente. Quantas vezes desejei trabalhar um romance que tal qual os de Flaubert, fosse composto de panorâmicos painéis...! Mas hoje, entre os ruídos de um edifício social que desmorona inevitavelmente, não é possível pensar em bordados. (...).

De qualquer maneira, como primeira providência, resolvi não mandar nenhuma obra minha para a seção de crítica literária dos jornais. Com que objetivo? Para que um senhor enfático, entre o estorvo de duas chamadas telefônicas, escreva para satisfação das pessoas honoráveis:

“O senhor Roberto Arlt persiste aferrado a um realismo de péssimo gosto, etc., etc.”

Não, não e não.

Esses tempos já se foram. O futuro é nosso, por prepotência de trabalho. Criaremos nossa literatura não conversando continuamente sobre literatura, mas escrevendo em orgulhosa solidão livros que contenham a violência de um ‘cross’ na mandíbula. Sim um livro atrás do outro, e os ‘eunucos’ que bufem’”.⁹

Recordações do Escrivão Isaías Caminha e El Juguete Rabioso são romances de estréia de ambos os escritores. Custeada pelo próprio autor a primeira edição do **Isaías Caminha** foi publicada em 1909 pela Livraria Clássica de Lisboa. Por ocasião do lançamento, segundo anotações do seu **Diário Íntimo**, Lima Barreto já tinha pronto o romance **Vida e Morte de**

M.J. Gonzaga de Sá, que foi publicado em 1919. Por que então publicou primeiro o **Isaías**? O escritor respondeu à pergunta na carta que escreveu em 07/02/1909 ao crítico Gonzaga Duque: “ *era um tanto cerebrino o Gonzaga de Sá, muito calmo e solene, pouco acessível portanto. Mandei as Recordações do Escrivão Isaías Caminha, um livro desigual propositalmente mal feito, brutal por vezes, mais sincero sempre*”.¹⁰

Como se sabe o **Isaías** é também¹¹ uma sátira ao **Correio da Manhã**, jornal de grande prestígio na época. A opção custou-lhe caro, o livro “*marcará a carreira de Lima Barreto – e não era para menos – como um gilvaz a testa de um esgrimista dos bons tempos de antanho. Há de ser sempre o autor de um romance de escândalo. Os senhores da literatura, os que vestiam casaca e freqüentavam a Livraria Garnier, jamais lhe perdoariam ousadia da violenta arremetida, as diatribes ferinas a certos príncipes do jornalismo e das letras, as caricaturas cruéis cobrindo de ridículo medalhões cheios de empáfia, os mais importantes medalhões da época*”.¹²

Em **El Juguete rabioso**, Roberto Arlt antecipou todos os elementos de sua futura obra. Escrito em distintas etapas entre 1919 e 1924, foi publicado após diversas tentativas em 1926. Sua publicação, de acordo como o próprio Arlt, não causou muita discussão, embora ele tivesse consciência da novidade que seu romance trazia: “ *cuando se publicó esta novela los críticos se quedaron tan frescos como acostubaban a estarlo la mayoría de las veces que aparece un libro cuyo autor trae en sus alforjas la simiente de un fruto nuevo. Su aparición pasó sin dejar mayores rastros em los anales de la crítica, aun cuando entre la juventud El Juguete Rabioso provocaba elogios*”.¹³

Hoje a crítica, e não somente a produzida na Argentina, reconhece que **El Juguete Rabioso** abre “*una nueva etapa en la narrativa argentina. Esta y las posteriores novelas de Arlt abandonan definitivamente el entorno rural, en el que se ubicaba la novela anterior. Por esta razón se há podido llamar a Arlt el primer novelista urbano*.”¹⁴

Quando Lima Barreto lançou seu **Isaías**, a República Brasileira estava pela casa dos vinte anos de existência, o sonho republicano defendido por intelectuais e setores das camadas medias da população urbana, que desejavam maior participação na vida política e na modernização do país, tinha se mostrado em grande parte um pesadelo. O projeto modernizador da elite¹⁵, que tomou a condução do país, não era o da inclusão social ou do fortalecimento da vida democrática, ao contrário, a tarefa dessa elite era impedir qualquer participação popular na vida política e cultural da nação. A Política dos Governadores, colocada em prática no governo de Campos Sales, é o maior exemplo, definida dessa forma pelo

próprio presidente: “*É de lá [dos estados] que se governa a República, por cima das multidões, que tumultuam, agitadas, nas ruas da capital da União*”. E prosseguindo: “*A política dos estados [...] é a política nacional*” (grifo de Campos Sales).¹⁶ O emblema maior do projeto dessa burguesia nascente foi a reurbanização do Rio de Janeiro, então capital Federal. Com a idéia de progresso calcada em moldes europeus, colocou em prática, com o lema “O Rio Civiliza-se”, as suas idéias de cultura, sociedade e nação, transformando a “*Cidade maravilhosa*” em vitrine representativa do Brasil “*onde não aparecesse, a turvar a imagem, o Brasil pobre, o Brasil negro, o Brasil mulato*”.¹⁷ A reformulação da cidade, inspirada em Paris, proíbe festas e manifestações da religiosidade popular¹⁸ e expulsa a população pobre da área central. Duas cidades, a do centro e a da periferia, se formam, uma pretensamente “elegante”, noticiada nos jornais e promovida, a outra escondida, confinada a certas áreas e será como denominou Beatriz Resende a cidade real “*a cidades dos trabalhadores e pobres em geral que se estende até os subúrbios, a cidade dos anarquistas, dos imigrantes, das feiras livres, dos mafuás (...), a cidade dos desempregados, dos capoeiras, dos uxoricidas*”.¹⁹

Esta nova elite pôde, assim, promover a regeneração da cidade apresentando-a para o mundo como o cartão postal do país. A inauguração da avenida central e a promulgação da lei que instituiu a obrigatoriedade da vacina são o marco inicial dessa transformação exigida pelo progresso civilizatório.

Entre o início da escritura e o lançamento de **El Juguete Rabioso** chegou ao poder na Argentina através do sufrágio universal o Partido Radical que se “*apoyaba en las clases medias urbanas del litoral y en muy amplios sectores populares dentro de las ciudades; en casi toda la clase media rural de la zona del cereal, en una parte sustancial de los hacendados menores en la zona ganadera; en grupos marginales dentro de las clases altas del interior. Con esos apoyos se comprende que no pudiese practicar una política ni muy innovadora ni muy coherente*”.²⁰ O institucionalismo burguês, implementado pelos radicais, não se mostrou nada sensível às reivindicações sociais, ao contrário, a ditadura das classes possuidoras aliadas ao capital estrangeiro se fortaleceu, ao passo que o custo de vida aumentava. A diminuição da área cerealista em consequência da Primeira Guerra Mundial, “*arrojaba a las ciudades (y especialmente Buenos Aires) cientos de arrendatarios y obreros rurales que acrecían el ejército de reserva proletario: para principios de la década del 20, éste contaba com um 29% de peones y jornaleros sin trabajo fijo y estable dentro de su población activa. Toda esta situación, (...) no era soportada pasivamente por la clase obrera argentina; por el contrario, los paros y*

*huelgas se reproducían y, conseqüentemente, aumentaba la represión oficial(...).Ello no obstante, el aparato estatal pugnaba por mantener sus formas; las huelgas, las manifestaciones reivindicativas, los atentados anarquistas que comenzaban a cubrir la década, jaqueaban al poder , pero aún no lo conmovían gravemente ”.*²¹

Apesar de ter sido o ano de 1928 o ponto mais alto da prosperidade econômica argentina (as exportações atingiram a cifra de duzentos milhões de libras esterlinas), o país não ficou impune à crise que abalou o mundo a partir de 1929. A queda nas exportações, a falta de compromisso e capacidade da burguesia para “ *paliar los efectos da coyuntura, las maniobras del imperialismo yanqui para desplazar definitivamente al imperialismo inglés del área, el descrédito con que se recibían las escasas decisiones del gobierno radical, son algunas de las causas inmediatas y más conocidas del golpe de estado del 6 de setiembre de 1930 que llevó al Ejército al poder. Este acto liquidaría la experiencia formal burguesa y pondría francamente al descubierto los conflictos de la sociedad argentina ”.*²²

Os romances ora em tela são as memórias de dois adolescentes que iniciam seu aprendizado de vida. Ambos possuem também caráter autobiográfico.

Em **El Juguete Rabioso**, a problemática cultural e política não é evidente , mas uma análise detida mostra que os dois planos estão postos no romance e que são os alvos da crítica nele contida “ *la región común que los vincula es la de aquella superficial o falsa legalidad descrita . Los códigos que, tanto en uno como en outro campo, gobiernan el ejercicio de la vida social y de la ‘vida literaria’ son postos en tela de juicio, son cuestionados y parejamente destruidos: uno, el de la vida social, destruido en la ficción anecdótica; outro, el de la ‘vida literaria’, destruido en el discurso con que se elabora esa misma ficción.* ”²³

Já em **Recordações do Escrivão Isaías Caminha** há a clara vinculação com a realidade histórica , política e cultural da época. Na nota prévia feita ao romance, o narrador **Isaías** esclarece que os obstáculos e os fracassos ocorridos na trajetória do personagem são decorrentes da sociedade e não de incapacidade pessoais “ *não estava em nós , na nossa carne e nosso sangue , mas fora de nós na sociedade que nos cercava, as causas de tão feios fins de tão belos começos”*.²⁴

Silvio Astier, protagonista de **El Juguete Rabioso**, e **Isaías Caminha** possuem origem social humilde, no entanto são dotados de viva inteligência e do desejo de terem para si os privilégios e direitos que são concedidos àqueles oriundos das classes dominantes. A busca da realização desse desejo, que redundará em fracasso, é o fio condutor das narrativas.

O narrador Astier inicia suas memórias contando que “*cuando tenia catorce años me inicié en los deleites y afanes de la literatura bandoleresca um viejo zapatero andaluz*”²⁵ e que “*por algunos cinco centavo de interés me alquilaba sus libracos*”²⁶ E é dessa literatura empobrecida e paga que Astier retira elementos para tentar mudar uma realidade que não lhe agrada “*aspira a ser lo que há leído y su vida es la repetición de um texto que em cada momento es necesario tener presente(...). En el camino de su aprendizaje, para enfrentar los riesgos, se sostiene de la Literatura*”²⁷.

El Juguete Rabioso está dividido em quatro capítulos que cobrem momentos distintos da vida do protagonista. No primeiro, já que “*había leído los cuarenta y tantos tomos que el Vizconde de Ponson du Terrail escribiera acerca(...) del admirable Rocambole , y aspirava a ser um bandido de la alta escuela*”²⁸ efetua juntamente com seus companheiros do “club de los caballeros de la Media Noche” um assalto à biblioteca de uma escola. Não é mera casualidade que a primeira atividade ilícita do tal “club” seja justamente esta, pois, se para ler é preciso pagar, a ação se justifica. Ricardo Piglia afirma que o roubo reforça o sentido metafórico da ação: “*la escuela es el lugar prohibido, al que sólo se entra de noche para saquear. Nada que ver com los mitos argentinos de la educación común: em Arlt el acceso a la cultura está definido por los obstáculos, las desigualdades y la exclusión.*”²⁹. Para Sílvio, o ato da leitura está sempre cercado por limites externos a sua vontade.

No capítulo dois, a exigência da mãe para que procure trabalho torna culposo o seu prazer: “*cierto atardecer mi madre me dijo: - Silvio, es necesario que trabajes. Yo que leía um libro junto a la mesa, levanté los ojos mirándola con rencor. Pensé: trabajar, siempre trabajar.*”³⁰ O emprego encontrado é justamente numa casa de compra e venda de livros usados “*um salón inmenso , atestado hasta el techo de volúmenes. El local era más largo y tenebroso que el antro de Trofonio*”,³¹ onde Sílvio é obrigado a ficar na porta tocando um sino para atrair clientes, cruel ironia para quem “*¡ había soñado en ser um bandido como Rocambole y un poeta genial como Baudelaire!*”³² Se, no primeiro momento, os livros estão enclausurados em uma vestuta biblioteca, aqui são expostos como mercadoria qualquer, regida pela lei da oferta e procura. Assim, o caminho da aprendizagem de Sílvio define-se por uma relação ambígua com a Literatura “*alquilar, robar, vender, nunca llega ser propietario legítimo, los libros están em sus manos pero no le pertenecen*”.³³ Ao tentar incendiar a livraria em mais um ato fracassado, Astier quer simbolicamente destruir “*el lugar mismo donde el dinero, en el intercambio, se hace visible y decide la lectura*”³⁴.

No capítulo terceiro, já o encontramos como aprendiz de mecânico de aviação numa escola militar onde se apresentou como meio inventor.

“ *Y qué há inventado usted? –habló um capitán? (...). Respondí sin inmutarme:*

*-Un señalador automático de estrellas fugaces, una máquina de escribir com caracteres de imprenta lo que se le dicta.”*³⁵

Astier conseguiu ingresso na Escola Militar de Aviação graças a inteligência que demonstrou possuir quando falava de seus inventos aos oficiais. Ao ser aceito pensava cheio de alegria: “ *más que nunca se afirmaba la convicción de destino grandioso a cumplir-se em mi existencia. Yo podría ser um ingeniero como Edison, um general como Napoleón, um poeta como Baudelaire, um demonio como Rocambole.”*³⁶

Nos dias em que estive na escola como aprendiz de mecânico refletindo sobre sua condição existencial se perguntava:

“ *¿ Saldría yo alguna vez de mi ínfima condición social, podría convertirme algún dia em señor, dejar de ser el muchacho que se ofrece para cualquier trabajo? ”*³⁷ Ambicionava ganhar dinheiro, mas sobretudo almejava o reconhecimento: “ *Lo que yo quiero es ser admirado por los demás, elogiado de los demás. (...). ¡ Ah, si mis inventos deran resultados!(...) ¡Ah, si se pudiera descubrir algo para no morir nunca , vivir aunque fueran quinientos años!”*³⁸

Mas a inteligência e seus sonhos de distinção foram sua perdição, os militares deram baixa em seu posto e a justificativa dada pelo diretor foi de que “ *Aquí no necesitamos personas inteligentes, sino brutos para el trabajo”*³⁹

E por fim, no último capítulo, o encontraremos trabalhando como vendedor de papel. É nessa circunstância que conhece Rengo com quem planeja um assalto, para depois delatá-lo no final. O epílogo da trajetória do aprendizado de Astier se dá com o ato da delação. E é na literatura que encontra o suporte para sua ação: “ *Em realidad – no pude menos de decirme – soy um locoide com ciertas mezclas de pillo pero Rocambole no era menos: asesinaba...yo no asesino. Por unos cuantos francos le levantó falso testimonio a ‘papá` Nicolo y lo hizo guillotinar. A la vieja Fipart que le quería como uma madre la estranguló y mató... mató al capitán Williams, a quién él debía sus millones y su marquesado¿A quién no traicionó el?”*⁴⁰ Confrontando –se com diversas experiências de vida que redundaram em fracasso, a delação de Silvio é resposta a uma necessidade de transcendência que “*es lo que le impide buscar su integración em uma sociedad que él siente como falta de valores, constituida por seres mezquinos y mediocres (...). Silvio se auto expulsa cuando há intentado varias formas de vida. Precisamente em el momento em que parece*

integrarse em la burguesía y aceptar su moral comete um acto que le condena a soledad.”⁴¹

O romance de Lima Barreto se inicia com a decisão de ir para o Rio de Janeiro do jovem interiorano **Isaiás**, que, além de pobre, carrega o estigma da cor. Mulato num país que conhecera a escravidão, acredita na possibilidade da redenção através do acesso à cultura letrada :

“ Ah! seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e omnímodo de minha cor... Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente. Seguro do respeito à minha majestade de homem, andaria mais firme pela vida em fora.(...) livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam no meu cérebro”⁴².

Portando uma carta com um pedido de emprego a um deputado federal de sua região, numa clara alusão à política do favor praticada pelas oligarquias brasileiras, **Isaiás** desembarca na Capital Federal onde viverá uma sucessão de desencantos que irão definir os rumos de seu aprendizado. As instituições que formam o Estado Brasileiro *“desfilam aos olhos de Isaiás como aparências sem substância, teatro de pífias representações”*⁴³. O esperado emprego lhe é negado, é acusado de roubo no hotel onde se hospedara, cujo motivo foi tão somente o preconceito de cor e sem dinheiro para comer perambula pela cidade sem destino *“ foram de imensa angústia esses meus primeiros dias no Rio de Janeiro . Eu era como uma árvore cuja raiz não encontra mais terra em que se apoie e donde tire vida; era como um molusco que perdeu a concha protetora e que se vê a toda hora esmagado pela menor pressão*”⁴⁴ até que um jornalista russo que conhecera lhe consegue um emprego de contínuo na redação de Globo, o mais importante jornal da época.

A posição subalterna não era confortável para quem tinha a pretensão de ser doutor *“no começo, custei a conformar-me com a posição de contínuo, mas consolei-me logo, ao lembrar-me dos meus heróis do Poder da Vontade”*⁴⁵. Porém, o medo de retornar à antiga situação fez com que se resignasse *“ relembra-me da minha vida anterior; sentia ainda muito abertos os ferimentos que aquele choque com o mundo me causara. Sem os achar , em consciência, justos, acovardava-me diante da perspectiva de novas dores (...). Considerei-me feliz no lugar de contínuo da redação de o Globo”*⁴⁶. E é nessa posição que **Isaiás** *“ aprenderá o poder da hierarquia em meios pretensamente liberais”*⁴⁷ e ainda *“ no jornal ele descobrirá a sabotagem mais torpe sob retórica da liberdade de imprensa; o arbítrio mais duro sob a máscara da divisão de funções , a meia cultura com todas as suas distorções soba linguagem das idéias gerais; o estilo pífio ou pretensioso escudado na gramatiquice nessa época*

*áurea de manuais de bem escrever.”*⁴⁸ No ambiente do jornal, vive uma dupla situação, de resistência e de adequação ao meio: ao mesmo tempo que percebe o cinismo e a hipocrisia ali reinantes: “*Era assim composta aquela peça jornalística que tinha irrompido pela vida política e administrativa do Brasil(...).*”

À frente, estava o doutor Ricardo Loberant, bacharel em direito, de inteligência duvidosa e saber inconsciente, com seu estado-maior, formado de Aires D’Ávila, um monstro geológico com prematuros instintos de raposa; e o Leporace, um secretário mecânico, automático, ser sem alma(...), que recebia os seus movimentos do exterior e os comunicava às outras peças da máquina(...).”⁴⁹ Cede ao que nos momentos de firmeza seu caráter repelia : “*De tal maneira é forte o poder de nos iludirmos, que um ano depois cheguei até ter orgulho da minha posição (...), tinha já construído uma consciência jornalística para meu uso. Julguei-me superior ao resto da humanidade que não pisa familiarmente no interior das redações e cheio de inteligência e de talento, só porque levava tinta aos tinteiros dos repórteres e dos redatores e participava assim de um jornal, onde todos tem gênio*”⁵⁰

No entanto, essa cooptação está diretamente ligada à tragédia social brasileira , para se ter algo e preciso deixar de ser “*o mulatinho, como alguns colegas o chamavam tem surtos de rebeldia , admira a beleza mítica dos titãs que desafiaram os deuses , mas logo aprende a sopitar a coléra para não perder sua modesta posição. A pressão social o ensina engolir a resposta enérgica que mereceria a palavra cordialmente vexatória*”⁵¹ O saber no meio onde agora circula **Isaias** não é necessário para abertura de novos horizontes , o importante é conseguir estabelecer relações pessoais que possam render ganhos e favores: “*notei essa ruína dos meus primeiros estudos cheio de indiferença, sem desgosto, lembrando-me daquilo tudo como impressões de uma festa a que fora e a que não devia voltar mais. Nada me afastava da delícia de almoçar e jantar por sessenta mil –réis mensais*”⁵²

Se foi um favor que o colocou no jornal, tampouco a promoção profissional se deu pelas vias do talento e da competência, Isaias flagra o diretor Ricardo Loberant num prostíbulo. Com sua intimidade exposta e sentindo –se frágil, Loberant passa a prestar mais atenção no seu contínuo e o promove a repórter.

Em sua nova função, **Isaias** passa a ser hostilizado pelos colegas de redação, mas agora já calejado pela vida, não mais se inibe , se impõe com força, e “*definitivamente abandona o estudo, as suas leituras são os outros jornais e revistas para reproduzir-lhe as idéias , ampliar o enfoque e, enfim, calcar sobre eles os seus artigos*”⁵³ . Porém, mesmo tendo se livrado

de um destino nada promissor através da ajuda de Ricardo Loberant, **Isaías** se sente deslocado, sem lugar e sem identidade: “ *Eu sentia bem o falso da minha posição, a minha exceção naquele mundo; sentia também que não me parecia com nenhum outro, que não era capaz de me soldar a nenhum e que, desajeitado para me adaptar, era incapaz de tomar posição, importância e nome(...).Desesperava-me o mau emprego dos meus dias, a minha passividade, o abandono dos grandes ideais que alimentara. Não; eu não tinha sabido arrancar da minha natureza o grande homem que desejara ser; abatera-me diante da sociedade; não soubera revelar-me com força com vontade e grandeza....*”⁵⁴

Distante de seus primeiros sonhos e de seu eu, **Isaías** decide sair do Rio de Janeiro, e será por intercessão de Ricardo Loberant junto ao governo que consegue o posto de escrivão da Coletoria federal de Caxambi no interior do estado do Espírito Santo. No entanto, apesar de ter-se salvado da sina de tantos outros de sua condição, revendo sua trajetória se sente “*insensível e cínico, mais forte talvez; aos meus olhos, porém, muito diminuído de mim próprio, do meu primitivo ideal, caído dos meus sonhos, sujo, imperfeito, deformado, mutilado e lodoso*”.⁵⁵

Um projeto que redundava em fracasso é a zona de intersecção entre **Recordações do Escrivão Isaías Caminha** y **El Juguete Rabioso**. As decepções sofridas pelos personagens nos evidenciam a incapacidade das sociedades Latino-americanas de efetivarem na prática o discurso racional progressista, ou seja, a desigualdade de acesso aos bens culturais está diretamente ligada à injustiça política. Ao narrar sobre as dificuldades e os desvios da busca e acesso à cultura, Lima Barreto e Roberto Arlt dão uma dimensão política ao seus romances, colocando em xeque “ *a toda ilusión liberal y a cualquier modelo ‘progresista’ de acceso libre a la cultura*”⁵⁶. Obras inaugurais escritas no raiar do promissor século XX e reveladoras de um projeto literário construído não por devaneios interiores, mas sim por material do mundo com uma “*escritura áspera (...), nacida de una tensión, de una angustia mal dominada, de un vértigo, marca el advenimiento de una nueva sensibilidad que no hábia de dejar indiferentes ni a los lectores ni a la crítica*”.⁵⁷ **El Juguete Rabioso** e **Recordações do Escrivão Isaías Caminha** ainda hoje podem causar muita inquietação a quem os reencontra ou os lê pela primeira vez.

Notas

¹ Graduada em História mestre e doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo, Brasil. Este texto (no qual fiz algumas alterações) foi apresentado na mesa redonda “ Literatura e História I” , do **XXIII Simposio Internacional de Literatura, Cultura, Region e Identidad** organizado

pelo Instituto Literario y Cultural Hispanico (ILCH), Westminster , California, EUA, de 4 a 9 de agosto de 2003 em Assunção, Paraguai.

² Por não existir tradução do romance para o português as citações estarão todas em espanhol, assim como as de algumas das leituras de apoio.

³ BARBOSA, Francisco de Assis. Prefácio. In: BARRETO, Lima. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Brasiliense, 1961, p.15.

⁴ PRADO, Antonio Arnoni. **Lima Barreto: o Crítico e a Crise**. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p.3.

⁵ BARRETO, Lima. **Feiras e Mafuás**. São Paulo: Brasiliense, 1961, p.294.

⁶ BARRETO, Lima. **Histórias e Sonhos**. São Paulo: Brasiliense, 1961, p.33.

⁷ LARRA, Raúl. **Roberto Arlt el Torturado**. Rosario/Buenos Aires: Ameghino Editora, 1998, p.69.

⁸ Ibid., p.67.

⁹ ARLT, Roberto. **Os Sete Loucos & Os Lança-Chamas**. Trad. de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Iluminuras, 2000, pp.193-194.

¹⁰ BARRETO, Lima. **Correspondência I**. São Paulo: Brasiliense, 1961, p.169.

¹¹ Em carta à Esmaragdo de Freitas (Político e magistrado piauiense) de 15/10/1911, agradecendo ao artigo que ele havia escrito sobre o **Isaías Caminha**, afirmou Lima Barreto: “ *Aqui, no Rio, onde nasci e me tenho feito, onde também tenho relações, não houve quem tratasse do meu volume com a abundância e a sagacidade que há em seu artigo. Ninguém quis ver no livro nada mais que um simples romance à clé, destinado a atacar tais e quais pessoas; os que gostaram foi por isto, os que não gostaram foi por isto também. Há alguma cousa a mais do que isso no meu modesto volume, suponho (...). O meu fim foi fazer ver que um rapaz nas condições do Isaías, com todas as disposições, pode falhar, não em virtude de suas qualidades intrínsecas, mas, batido, esmagado, prensado pelo preconceito com o seu cortejo, que é, creio, cousa fora dele.(...).* Se lá pus certas figuras e o jornal, foi para escandalizar e provocar a atenção para a minha brochura.” Cf. **Correspondência I**. São Paulo: Brasiliense, 1961, p.238.

¹² BARBOSA, Op.cit. p.14.

¹³ LARRA, Op. cit, pp.50-51.

¹⁴ GNUTZMANN, Rita. Introducción. In: ARLT, Roberto. **El Juguete Rabioso**. Madrid: Catédra, 1992, p.69.

¹⁵ Por essa elite entenda-se os grupos agrários sob a hegemonia dos cafeicultores paulistas.

¹⁶ SALES, Campos. **Da Propaganda à Presidência**. São Paulo, s.ed., 1908.p.252. Citado por CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República Que Não Foi**. São Paulo: Cia das Letras, 1987, p.33.

¹⁷ RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em Fragmentos**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, Campinas: Ed da Unicamp, 1993, p.39.

¹⁸ A respeito de assunto há um interessante artigo de Lima Barreto intitulado “ Feiras e Mafuás”, onde ele relata a atitude republicana diante dos divertimentos populares. O referido artigo encontra –se no volume homônimo de suas obras completas a página 21.

¹⁹ RESENDE, Op.cit.p.111.

²⁰ DONGHI, Tulio Halperin . **Historia Contemporânea de América latina**. Madrid: Alianza editorial, 2000, 13ª edição, p.330.

²¹ GOLOBOFF, Gerardo Mario.La Primera novela de Roberto Arlt: el asalto a la literatura. In: **Seminarios Sobre Roberto Arlt**. Poitiers: Centre de Recherches Latino- Américaines de l’Université de Poitiers, 1981, p.3.

²² Ibid, pp. 3-4.

²³ GOLOBOFF, Op.cit, p.6.

²⁴ BARRETO, Lima. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Brasiliense, 1961. P. 42

²⁵ ARLT, Roberto. **El Juguete rabioso**. Barcelona: Bruguera Alfaguara, 1979. P.18.

²⁶ Ibid., p.18.

²⁷ PIGLIA, Ricardo. Introducción. In: ARLT, Roberto. **El Juguete Rabioso**. Buenos Aires: Ed. Espasa Calpe, 1994, p.11.

²⁸ ARLT, Roberto. **El Juguete Rabioso**. Barcelona: Bruguera Alfaguara, p. 22.

²⁹ PIGLIA, Op.cit, p.13.

³⁰ ARLT, Roberto. **El Juguete Rabioso**. Barcelona: Bruguera Alfaguara, p. 71.

³¹ Ibid, p.76.

³² Ibid, p. 82.

³³ PIGLIA, Op.cit, p.15.

³⁴ Ibid, p. 16.

- ³⁵ ARLT, Roberto. **El Juguete Rabioso**. Barcelona: Bruguera Alfaguera, p. 126.
- ³⁶ Ibid, p.131.
- ³⁷ Ibid, p. 133.
- ³⁸ Ibid, p.134.
- ³⁹ ARLT, Roberto. **El Juguete Rabioso**. Barcelona: Bruguera Alfaguera, 1979, p. 140.
- ⁴⁰ Ibid, p.206.
- ⁴¹ GNUTZMANN, Op.cit, p.35.
- ⁴² BARRETO, Lima. Op.cit, p.53.
- ⁴³ BOSI, Alfredo. Figuras do eu nas recordações de Isaías Caminha. In: **Literatura e Resistência**. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p.193.
- ⁴⁴ BARRETO, Lima. Op.cit, p.87.
- ⁴⁵ Ibid, p.175. Isaías ao terminar o curso primário ganhara de sua professora como recompensa por seu desempenho escolar o livro **O poder da Vontade**, que continha biografias de grandes personagens da História Mundial.
- ⁴⁶ Ibid, p.176.
- ⁴⁷ BOSI, Alfredo. Op.cit, p.199.
- ⁴⁸ Ibid, pp.199-200.
- ⁴⁹ BARRETO, Lima. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Brasiliense, 1961, p. 168.
- ⁵⁰ Ibid, pp177-179.
- ⁵¹ BOSI, Alfredo. Figuras do eu nas Recordações do escrivão Isaías Caminha. In: **Literatura e Resistência**. São Paulo: Cia das letras, 2002, p.200.
- ⁵² BARRETO, Lima. Op. Cit, p. 246.
- ⁵³ FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. **Trincheiras de Sonho: Ficção e Cultura em Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998, p.188.
- ⁵⁴ BARRETO, Lima. Op.cit, pp.282-283.
- ⁵⁵ Ibid, p.110.
- ⁵⁶ PIGLIA, Ricardo. Introducción. In: ARLT, Roberto. **El Juguete Rabioso**. Buenos Aires: Espasa calpe, 1994, p.11.
- ⁵⁷ RENAUD, Maryse. Una ambigüedad fecunda. In: **Seminarios Sobre Roberto Arlt**. Poitiers: Centre de Recherches Latino- Américaines de L'Université de Poitiers, 1981, p.41.

Bibliografia

- ARLT, Roberto. **El Juguete Rabioso**. Barcelona: Bruguera Alfaguera, 1979.
 ----- **Os Sete Loucos & Os Lança-Chamas**. Trad. de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- BARRETO, Lima. **Correspondência, v.1**. São Paulo: Brasiliense, 1961.
 ----- **Feiras e Mafuás**. São Paulo: Brasiliense, 1956.
 ----- **Histórias e Sonhos**. São Paulo: Brasiliense, 1961.
 ----- **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- BOSI, Alfredo. Figuras do eu nas recordações de Isaías Caminha. In: **Literatura e Resistência**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República Que Não Foi**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- DONGHI, Tulio Halperin . **Historia Contemporânea de América latina**. Madrid: Alianza editorial, 2000, 13ª edição.
- FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. **Trincheiras de sonho: Ficção e Cultura em Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.
- GOLOBOFF, Gerardo Mario. La Primera novela de Roberto Arlt: el asalto a la literatura. In: **Seminarios Sobre Roberto Arlt**. Poitiers: Centre de Recherches Latino- Américaines de L'Université de Poitiers, 1981.

- GNUTZMANN, Rita. Introducción. In: ARLT, Roberto. **El Juguete Rabioso**. Madrid: Catédra, 1992.
- LARRA, Raúl. **Roberto Arlt el Torturado**. Rosario/Buenos Aires: Ameghino Editora, 1998.
- PIGLIA, Ricardo. Introducción. In: ARLT, Roberto. **El Juguete Rabioso**. Buenos Aires: Ed. Espasa Calpe, 1994.
- PRADO, Antonio Arnoni. **Lima Barreto: o Crítico e a Crise**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- RENAUD, Maryse. Una ambigüedad fecunda. In: **Seminarios Sobre Roberto Arlt**. Poitiers: Centre de Recherches Latino- Américaines de L'Université de Poitiers, 1981.
- RESENDE, Beatriz. **Lima Barreto e o Rio de Janeiro em Fragmentos**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, Campinas: Ed da Unicamp, 1993.